



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional.

Sub-eixo: Formação profissional.

O DEBATE DE CULTURA NA OBRA DE ANTONIO GRAMSCI E A IMPORTÂNCIA DA CATEGORIA NO DEBATE ACADÊMICO DO SERVIÇO SOCIAL

RAFAELA DE SOUZA RIBEIRO¹

Resumo: A presente proposta tem como objetivo abordar a categoria cultura no interior marxismo e destacar sua relevância para a construção do conhecimento no âmbito do Serviço Social como profissão interventiva. O trabalho foi elaborado a partir da experiência de pesquisa desenvolvida na Escola de Serviço Social da UNIRIO pelo projeto de pesquisa intitulado: “Cultura e Serviço Social: desafios para uma nova práxis” e possui orientação teórica e metodológica fundadas em princípios marxianos, sobretudo, na obra de Antônio Gramsci e na produção teórica da Chamada Nova Esquerda e dos Estudos Culturais.

Palavras-chave: Cultura; Serviço Social; Marxismo; Antonio Gramsci

Abstract: The present proposal aims to address the category of culture within Marxism and highlight its relevance for the construction of knowledge in the scope of Social Work as an interventionist profession. The work was based on the research experience developed at the UNIRIO School of Social Work for the research project entitled "Culture and Social Work: challenges for a new praxis" and has a theoretical and methodological orientation based on Marxian principles, work of Antônio Gramsci and in the theoretical production of the New Left Call and Cultural Studies.

Keyword: Culture; Social Work; Marxism; Antonio Gramsci.

1- INTROUÇÃO

A presente proposta tem como objetivo abordar a categoria cultura no interior marxismo e destacar sua relevância para a construção do conhecimento no âmbito do Serviço Social como profissão interventiva. A importância desse estudo está fundamentada, principalmente, na possibilidade de abrir um espaço para debater a cultura no âmbito do Serviço Social, uma vez que, a partir das investigações em andamento², a temática se apresenta

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: < ribeiro.rafaela@gmail.com >

² Os estudos sobre a categoria cultura e sua relevância no interior do materialismo histórico foram iniciados no curso de mestrado e seguem como resultado da longa trajetória de pesquisa, ainda em andamento, na tese de doutoramento intitulada: “A dimensão da cultura no debate acadêmico do Serviço Social brasileiro” vinculada ao Programa de Pós Graduação em

ainda como pouco significativa no debate acadêmico e/ou com pouca relevância para análise da prática profissional e para produção de conhecimento na área. Logo, tais objetivos sublinham também, a necessidade de aprofundamento do debate acerca de categorias teóricas complexas que compõem a ideia de cultura para a análise da realidade social a partir da visão de totalidade.

O trabalho foi elaborado a partir da experiência de pesquisa desenvolvida na Escola de Serviço Social da UNIRIO pelo projeto de pesquisa intitulado: “Cultura e Serviço Social: desafios para uma nova práxis” e possui orientação teórica e metodológica fundadas em princípios marxianos, sobretudo, na obra de Antônio Gramsci e na produção teórica da Chamada Nova Esquerda³ e dos Estudos Culturais. Para isso, iniciamos a proposta destacando a definição da categoria cultura no âmbito da teoria social crítica, sobretudo com influência da antropologia e sociologia, recuperando aspectos que consideramos mais relevantes para o debate contemporâneo. Nas palavras de Williams (2011), Cultura diz respeito às formas de sociabilidade, onde, hoje, se colocam questões amplas e fundamentais que transitam entre elementos formativos e determinantes que produzem essas “culturas características”. Reúne aspectos de ordem mais global (política e economia) e específicos e derivados (produtos e símbolos- música, arte, literatura etc).

O que temos hoje como vanguarda no chamado *materialismo cultural*⁴ é uma convergência de sentidos da noção de cultura, que culmina numa análise

Serviço Social da UERJ sob a orientação da Professora Doutora Rosangela Nair de Carvalho Barbosa.

³ A Chamada *Nova Esquerda (New Left)*, “foi um movimento que a partir de final dos anos 1950 reuniu diversos intelectuais britânicos em torno de novas formas de pensar e fazer política, interligados principalmente pelo viés dos Estudos Culturais” (CEVASCO, 2012, p 82). Seus principais membros estavam aglutinados em torno do Partido Comunista britânico, quando a crise de 1956 veio colocar um ponto final nesse alinhamento, em decorrência da quebra da União Soviéticas e do espraiamento das práticas Stalinistas.

⁴ Sobre o materialismo cultural, Raymond Williams destaca: “levei trinta anos, em um processo bastante complexo, para deslocar-me daquela teoria marxista herdada (que, em sua forma mais geral, comecei aceitando), passando por várias formas de transição da teoria e da investigação, para a posição que defendo agora e que defino como ‘materialismo cultural’. As ênfases da transição- na produção (e não apenas na reprodução) de significados e valores por formações sociais específicas; no primado da linguagem e da comunicação como forças sociais formativas; e na interação complexa tanto das instituições e formas quanto das relações

do modo de vida global diretamente relacionado com manifestações também de ordem local e específica. Foi a obra de Gramsci, que proporcionou aos estudos culturais, uma leitura que ultrapassasse essa análise cindida entre modos de vida globais e específicos, assim como, entre alta cultura e cultura popular. Com estudo de categorias específicas como a de hegemonia, ideologia, intelectuais, Estado ampliado, entre outras, o “Gramsci político” inova a dialética marxista, e revela através da universalidade do seu pensamento a necessidade de uma reforma intelectual e moral que possibilitasse às classes subalternas a retomada da ideia de classe para si, onde, tal reforma seria uma condição para a conquista da hegemonia, sinônimo de transformação social e histórica.

Sobre cultura, Gramsci destaca ainda,

É preciso perder o hábito e deixar de conceber cultura como saber enciclopédico no qual o homem é visto apenas sob a forma de um recipiente a encher e entupir de dados empíricos, de fatos brutos e desconexos, que ele depois deverá classificar em seu cérebro como nas colunas de um dicionário, para poder em seguida, em cada ocasião concreta, responder aos vários estímulos do mundo exterior. Essa forma de cultura é realmente prejudicial, sobretudo para o proletariado [...] a cultura é algo bem diverso. É organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior: é graças a isso que alguém consegue compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e seus próprios deveres. Mas nada disso pode ocorrer por evolução espontânea, por ações e reações independentes da própria vontade, como ocorre na natureza vegetal e animal, onde cada ser singular seleciona e especifica seus próprios órgãos inconscientemente, pela lei fatal das coisas. O homem é sobretudo espírito, ou seja, criação histórica, e não natureza (Gramsci apud Coutinho, p.53-54).

sociais e convenções formais – podem ser definidas, se quisermos, como ‘culturalismo’, e até mesmo a dicotomia (positivista) antiga e crua idealismo/materialismo pode ser aplicado se ajudar alguém. O que gostaria agora de afirmar ter alcançado, mas necessariamente por essa via, é uma teoria da cultura como um processo (social e material) produtivo e de práticas específicas, e das ‘artes’ como uso sociais dos meios de produção (desde a linguagem como ‘consciência prática’ material até as tecnologias específicas da escrita e das formas de escrita por meio de sistemas mecânicos e eletrônicos de comunicação). O importante a ser enfatizado é que o que se tornou, quando desenvolvido, uma teoria materialista (mas não positivista) da linguagem, da comunicação e da consciência foi atribuído, ao longo do caminho, ao idealismo apenas porque no marxismo teórico herdado essas atividades eram conhecidas como superestruturais e dependentes – de modo que qualquer ênfase na sua primazia específica (dentro da totalidade complexa de outras formas primárias do processo material social, incluindo as formas abstraídas como “trabalho” ou “produção”) era entendida a *priori* como idealista” (WILLIAMS, 2011a, p.323).

Raymond Williams- intelectual marxista, fundador do Partido Comunista da Grã-Bretanha e da disciplina que ficou conhecida como materialismo cultural-, toma de Gramsci a ideia de cultura como modo de vida, e retoma a obra do Sardo para reafirmar a necessidade da criação de uma nova cultura, baseada em princípios éticos e morais, que levasse em consideração, principalmente, as formas de vida da classe trabalhadora. Para isso, segundo Williams, é necessário que se recupere aspectos ideológicos que influenciam direta e indiretamente seus modos de ser e agir em sociedade. Assim, criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também, e, sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializa-las” por assim dizer; e, portanto, transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral (GRAMSCI, 1999). No entanto, um erro comum, é simplificar o conjunto de complexos processos concretos pelos quais uma “cultura” ou uma “ideologia”, é ela própria produzida.

Quando nos referimos ao modo de vida ou à cultura de uma determinada classe ou segmento de classe, estamos compreendendo um conjunto de complexos relacionados que vão desde aspectos mais subjetivos até elementos que organizam a vida em sociedade e que independem da vontade dos sujeitos que dela participa. Isso posto, não podemos confundir o que, de alguma maneira, estrutura uma sociedade, seu modo de produção e suas determinações materiais com os mecanismos para manter essa mesma estrutura “de pé”, funcionando de acordo com seus princípios.

Nas sociedades modernas o poder da ideologia, vem ganhando destaque junto a organização das massas, contudo, Williams destaca que,

se considerarmos a ideologia apenas como um conjunto abstrato e imposto de noções, se as nossas ideias, pressupostos e hábitos sociais, políticos e culturais forem meramente o resultado de uma manipulação específica, de um tipo de formação aberta que pode ser simplesmente encerrado ou removido, então seria muito mais fácil mover ou alterar a sociedade do que na prática sempre o foi ou é (WILLIAMS, 2011, p.52).

Assim, por considerar formações sociais reais, tais categorias ganham complexidade e, nesse caso, enfatizam, ao mesmo tempo, a realidade da dominação⁵- preocupação recorrente nos estudos culturais.

A luta por uma nova cultura implica **construir** uma nova cultura, depende de uma ação coletiva, da vontade política, de organização das massas em torno de objetivos minimamente partilhados. O caminho para a construção dessa nova cultura, pensando nas pistas deixadas por Gramsci, não necessariamente dependerá de grandes invenções teóricas e inéditas estratégias para a ação, mas da retomada de uma consciência comum, da quebra de barreiras ideológicas veiculadas como verdades absolutas pelas classes dominantes, que mais parecem “grilhões invisíveis” e funcionam como estratégias para consensuar acordos que geralmente não favorece as lutas dos trabalhadores em geral.

O que reivindicamos como ponto de partida é retomar uma história materialista da cultura, onde as classes trabalhadoras possam escrever a sua história, a história de sua lutas e pensar alternativas para superação dessa ordem. Para a organização política é necessário que se articule um novo modo de pensar que supere o idealismo burguês e as categorias frágeis que não vão além de dar conta das aparências dos fatos e desconsidera as condições objetivas, as condições materiais de existência. Isso significa *luta hegemônica*, disputa por projetos de classe, por dentro da sociedade burguesa, com todos os seus limites e contradições. Os modos de pensar são forjados no cotidiano e articulados por ideologias, que hoje se colocam como limites para a retomada da consciência de classe e do sentimento de pertencimento e partilha de interesses comuns pelo conjunto da classe trabalhadora, mas que dialeticamente, conforme destacou Willians, estão em disputa.

Gramsci, quando pensa a nova sociedade burguesa e o novo homem que estava sendo requisitado, destaca com ênfase a cultura dominante e as

⁵ Ver WILLIAMS (2011), sobre as noções de *base e superestrutura*, legado de Marx e Engels, predominante no marxismo da Segunda Internacional, e a nova apreensão dada por Gramsci a partir de sua filosofia da práxis (WILLIAMS, R. *Cultura e materialismo* (Trad. André Glaser): SP, Editora Unesp, 2011).

formas ideológicas que serviam de pilares para a sustentação desse sentido de realidade para a maioria das pessoas, ou em suas palavras, a hegemonia. No plano ideológico, a visão de mundo da classe economicamente dominante tem saturado a sociedade, imprimindo sua direção ético-política, colocando-se “a si mesma como um dos organismos em contínuo movimento, capaz de absorver toda a sociedade, assimilando-a a seu nível cultural e econômico” (Gramsci, 2000a, p.271).

E.P.Thompson⁶ e Engels⁷ nos clássicos sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra, demonstraram como as mudanças na base da sociedade impactavam os novos hábitos, impulsionando a espoliação da vida humana e o domínio cada vez maior sobre a administração do tempo dos trabalhadores com o processo de formação e atuação da hegemonia burguesa através da coerção (que podemos pensar também no estabelecimento de consensos- aí destacamos a compreensão de hegemonia em Gramsci a partir do par categorial coerção-consenso). Nessa assertiva, o modo de produção e todo o complexo em seu entorno impactaram todas as dimensões da vida social, principalmente as subjetividades, os modo de viver e de pensar. Assim, era necessário reformular o imaginário da sociedade, a visão de mundo, redefinindo a cultura, as tradições, o modo de vida- aqui está a dimensão ideológica, já explicitada em Marx desse movimento revolucionário. Um novo modo de escravidão mascarado pelo trabalho assalariado⁸.

Reafirmamos assim que para a retomada do conceito de cultura a partir de uma leitura materialista é necessário uma retomada dos conceitos de hegemonia e ideologia. Fica claro, a partir das categorias gramscianas que a ideia de se construir uma nova cultura, põe fim à divisão entre governantes e

⁶ THOMPSON, E.P. A formação da classe operária Inglesa. Vol.1.RJ: Paz e Terra, 1987.(trad. Denise Bottmann).

⁷ Engels, F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. SP: Boitempo editora, 2015. (trad. Bernhardt A. Schumann e J.P.Netto).

⁸ Com o advento da sociedade de consumo, da sociedade de massas, há um exacerbamento da exploração da classe trabalhadora e uma maior ênfase e também aprofundamento das estratégias ideológicas para capturar a identidade de classe do trabalhador. O momento em que surge o novo, também surge a possibilidade de se reverter a ordem vigente- a contra-hegemonia. Esse novo também é assimilado em termos de novas tecnologias, sobre a produção de conhecimento e sua assimilação pelo modo de produção.

governados, onde a reforma intelectual é condição para a hegemonia, caminho da cultura e da política, da grande política⁹.

Silva (2017), nos lembra que, é neste contexto, e inseparável dele, que o fundador do partido comunista italiano destaca a importância da construção da hegemonia como direção cultural, no campo da práxis social, da luta de classes. É neste cenário que salienta a importância da política, como grande política, como arte do convencimento, da articulação no calor da luta, como espaço de formação de consciência de classe que estimula a filosofia da práxis em um processo catártico, ético-político, que unifica, sem identificar, o objetivo e o subjetivo, o individual e o coletivo: “Pode-se empregar a expressão ‘catarse’ para indicar a passagem do momento meramente econômico (ou egoístico-passional) ao momento ético-político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isto significa, também, a passagem do ‘objetivo ao subjetivo’ e da ‘necessidade à liberdade’” (GRAMSCI, 2001, p. 314).

⁹ No comunismo o partido deve ser uma instituição transitória, que é portanto, difícil de ser definida, quando ele de fato desaparecer, por adesão espontânea ou não das massas se chegará a uma formação com adesão de toda a população, onde terá tingido os objetivos máximos do comunismo. Quando Gramsci se refere a outras formações sociais e políticas, ele lança questões que despertam também para a formação de superestruturas também diversas. Nesse caso, poderíamos pensar em formações mais complexas, de capitalismo mais avançado, onde o Estado é composto também, por uma sociedade civil mais complexa abarcando todo um conjunto de instituições e aparelhos privados, de interesses particularistas e não democráticos. Para Gramsci, aqui está a problemática da cultura (Gramsci, 2000). Diante de uma formação social que indica fracas alianças com a questão nacional e ou que a divisão da sociedade em classes amplas e diversas, impacta a adesão das massas às ideias revolucionárias, por fora de um sistema político já definido como conservador e ultrajante, a questão da cultura deve ser encarada como fundamental para que os ideais revolucionários sejam retomados pelas classes subalternizadas, considerando o engajamento de todos os “tipos” de intelectuais. Só é possível haver uma adesão das massas quando os ideais revolucionários se aproximam da realidade das mesmas, e, claro, de suas necessidades imediatas e não-imediatas, conhecendo portanto, seus modos de vida, costumes e história, *levando-se em conta a organização da cultura*. No caso da Itália no século XIX, mesmo no período de unificação da península, o ressurgimento, os intelectuais se mantiveram apartados das massas e da cultura popular, não sendo capazes de construir uma proposta unificadora. Assim, “os ideais do pensamento liberal e democrático italiano, difundidos entre os intelectuais que compunham a ala moderada e a ala radical do processo de unificação nacional, resultavam igualmente em uma indiferença em relação à miséria das massas agrícolas italianas, e confluíam em um programa político “sem fins concretos e definidos, mas em um estado de ânimo vago e oscilante” que resultava em fórmulas políticas vazias (GRAMSCI, 2000, p.813)”.

2- CULTURA E SERVIÇO SOCIAL

No meio acadêmico, apesar de não estar definido como uma disciplina, os Estudos Culturais se apresentam como um tema vertical que atende à demanda de vários campos de conhecimento. Apesar da ausência de consenso sobre o termo, o mesmo decorre de uma gama de possibilidades para pensar questões que impactam a formação de um conjunto de valores e ideias na sociedade, como vimos anteriormente.

A relevância de uma abordagem materialista da cultura está baseada numa leitura da cultura e das práticas culturais como uma dimensão do ser social no interior de uma totalidade complexa, sem desconsiderar as determinações de base material de produção da vida; pensando a unidade contraditória entre o material e o espiritual, a objetividade e a subjetividade, a estrutura e a superestrutura (MARTINS E NEVES, 2014). Essas são questões importantes para pensar a relação do Serviço social com a temática da cultura, o que significa, no nosso entender, pensar a relação do Serviço Social com o movimento da vida social em suas variadas dimensões.

Podemos observar nesse sentido, a importante apreensão da categoria de bloco histórico por Gramsci, como sendo o nexos real e indissolúvel entre estrutura, conjunto das relações materiais, e superestrutura, conjunto das relações ideológicas e culturais, e para o seu completo funcionamento, onde devem ser instituídos vínculos orgânicos entre esses dois níveis imprescindíveis do real. Gramsci demonstra que a edificação e a manutenção desses vínculos são função dos intelectuais, orgânicos e tradicionais, que criam e difundem ideologias, cimentando tais vínculos, organizando e gerindo o consenso, a hegemonia e utilizando uma dosagem de coerção. É na esfera político-ideológica, ou seja, no terreno das superestruturas, que acontece em última instância a batalha decisória entre as classes sociais e que os conflitos econômicos encontram os modos de sua resolução (COUTINHO, 2011).

Para o Serviço Social, a importância de se investigar os modos de vida das classes fundamentais, significa desvendar também os aspectos mais relevantes que sustentam o modo de produção vigente, assim como, suas

formas de superação. No que se refere à classe que vive do trabalho, a mesma que fazemos uma estreita vinculação a partir do projeto ético-político legitimado pelo conjunto da categoria profissional, o estudo da cultura ganha relevo na medida em que possibilita desvendar as formas de vida e de trabalho dessa classe, forjando propostas de construção de conhecimento da realidade, salvaguardado o rigor teórico, assim como construindo estratégias de intervenção junto às chamadas “minorias” usuárias das políticas sociais, respondendo diretamente as suas demandas.

A ênfase nesse dimensão materialista, significa retomar os princípios da dialética, a partir dos processos de dominação e reafirmar uma direção que possibilite a ultrapassagem desses aspectos, sem desconsiderar que os “profissionais de Serviço Social não são técnico-operativos, mas sujeitos possíveis limitados por condições objetivamente dadas mediadas pelas profissões e por seus espaços sócio-ocupacionais” (Silva, 2017). Assim, compreendemos que é preciso tensionar os espaços institucionais sem negá-lo.

O que vimos acompanhando, no entanto, é um baixo prestígio da categoria, frente a outros estudos que privilegiam aspectos culturais mais gerais ou mais específicos, sem fazer qualquer crítica à histórica dicotomia entre teoria e prática e aos possíveis equívocos teóricos e metodológicos inaugurados pela profissão ao longo de seu processo de reconceituação, sobretudo, quando consideramos a heterogeneidade da vertente *intenção de ruptura* (NETTO, 1991) e a problemática da apropriação do marxismo ainda sob os moldes de manuais soviéticos e com grande influência do estruturalismo Althusseriano. Não se trata mais de tratar a cultura como categoria generalista, mas sim, de defini-la a partir de uma tradição teórica específica, que seja capaz de traduzir os diferentes modos de vida, destacando assim, a importância para a atuação do assistente social em lidar de maneira mais aprofundada com os diferentes aspectos relacionados ao que se considera cultura.

Podemos dizer ainda, que uma apropriação indébita ou conservadora da dimensão da cultura, ou a falta de conhecimento de conceitos que permitem

fazer a mediação para recompor a ideia de cultura na teoria social, poderá contribuir para um empobrecimento da compreensão da realidade, negando-a em seu movimento contraditório, o que afasta o Serviço Social da construção de propostas alternativas comprometidas com os valores éticos, tão amplamente enunciados pela perspectiva crítica.

Segundo Yamamoto (2009),

a reprodução das relações sociais na sociedade capitalista na teoria social crítica é entendida como reprodução desta sociedade em seu movimento e em suas contradições: a reprodução de um modo de vida e de trabalho que envolve o cotidiano da vida social. O processo de reprodução das relações sociais não se reduz, pois, à reprodução da força viva de trabalho e dos meios materiais de produção, ainda que os abarque. Ele refere-se a reprodução das forças produtivas sociais do trabalho e das relações de produção na sua globalidade, envolvendo sujeitos e suas lutas sociais, as relações de poder e os antagonismos de classe (2009, p.23).

No entendimento desse estudo compreender em profundidade esse enunciado implica tomar a dimensão da cultura como *o próprio fazer-se do sujeito na vida social*, assim como apreciar o modo como a profissão vem tratando a questão.

A cultura não é exatamente a chave heurística para o entendimento da questão social e das formas constitutivas do modo de produção de uma sociedade determinada, mas é uma categoria teórica necessária que possibilita construir mediações para análise das diferentes expressões da questão social, fortalecendo, a relação teoria e prática numa perspectiva de unidade entre as dimensões micro e macroestrutural. A história das sociedades é a história dos homens vivendo em sociedade, as formas subjacentes ao modo de produção capitalista revelam o aparecimento de culturas diferenciadas e, ao mesmo tempo, pode ser a inflexão que proporcionará a mudança necessária para outras formas de organização social.

Marx considera em sua Crítica da economia política, que a mediação vai assumindo um sentido histórico concreto, ultrapassando tanto a acidentalidade quanto o idealismo. As mediações, portanto, são as expressões históricas das relações que o homem edificou com a natureza (o trabalho) e conseqüentemente das relações sociais daí decorrentes (culturais), nas várias formações sócio-humanas que a história registrou. Ou seja, “a construção de

mediações entre as várias instâncias do existir humano que condizem estas relações para o progresso econômico-social-cultural-espiritual da espécie, completa superação da alienação, da exploração, etc” (PONTES, 2010, p.79).

Não se trata de requisitar um estudo da cultura como um “novo trabalho”, sugerindo sua centralidade nas análises históricas e sociais, se trata apenas de considerar esse outro aspecto da vida social como fundamental para reafirmar o princípio da totalidade nessa leitura e dar visibilidade, como nos sugere Gramsci, aos aspectos ideo-políticos sem cair numa decadência ideológica.

Nesse sentido, a mediação aparece nesse complexo categorial- a totalidade- com um alto poder de dinamismo e articulação. É responsável pelas moventes relações que se operam no interior de cada complexo- singular ou total- das articulações dinâmicas e contraditórias entre estas várias estruturas sócio-históricas. A totalidade é essencialmente processual, dinâmica, cujos complexos, em interação mútua possuem um imanente movimento (PONTES, 2020, p.81).

Os avanços atingidos pelo Serviço Social como profissão é inegável, sobretudo quando atinge sua maturidade profissional, na década de 1990 com a consolidação de programas de pós-graduação sob influência do então, projeto ético-político profissional. No entanto, como já sinalizado, alguns retrocessos significativos impactam visceralmente as formas de pensar a profissão. Dicotomias entre agir e o pensar, voltam a permear o debate resgatando os traços conservadores, que nos foram tão caros num passado recente. Desde o discurso do fim das metanarrativas, que trouxe à tona o que entendemos como ideologias pós-modernas, ressurgem concepções individualizantes de compreensão da vida social e das formas de organização dos sujeitos na sociedade¹⁰. O que percebemos nessa inflexão, é um grande

¹⁰ A não diferenciação entre os campos da cultura e da economia contribui para a compreensão dos elementos característicos da cultura pós-moderna, sobretudo do ponto de vista estético. Na visão de Harvey (1996), o capitalismo, para manter seus mercados, se viu forçado a produzir desejos e estimular sensibilidades individuais para criar uma nova estética que superasse e se opusesse às formas tradicionais de alta cultura. Ele percebe a propaganda como a arte oficial do capitalismo, pois além de mediar a relação entre a cultura e a economia, atua de maneira crucial na construção dos valores e hábitos de vida, como o individualismo e o consumismo. As características da forma da produção cultural contemporânea relacionam-se

número de debates que envolvem questões de gênero, raça, identidade e tantas outras que debatiam as expressões da questão social isoladamente, sem considerar a dimensão de classe e as contradições a elas subjacentes.

Tais debates expressam as vertentes mais conservadoras do Serviço Social reatualizando perfis tecnocráticos onde prevalece o empoderamento individual através de atuações claramente meritocráticas. Seguindo tais considerações, podemos pensar o debate da cultura, também a partir dessa ótica, onde como categoria complexa e heterogênea, é muitas vezes utilizada para “definir tudo e acaba não definindo nada”, ou, até mesmo, quando apreendida de maneira rasa e desarticulada com o objetivo de dar conta de um ambiente “sócio-cultural” sem qualquer amparo teórico ou metodológico e, com isso, sem considerar aspectos relacionados à economia e à política. Não se trata, nessas leituras, de negar o plano ontológico, muitas vezes trata-se de submetê-los a uma lógica especulativa que fragmenta e flexibiliza a ciência de acordo com a intenção e necessidade de indivíduos isolados e de suas verdades, negando assim, a lógica do próprio real e o funcionamento das estruturas da sociedade moderna.

No Serviço Social, além desses impasses, os conservadorismos de diferentes ordens apontam para a necessidade de reconhecer a existência de um ataque frontal, sistemático e contínuo à formação profissional pretendida pela direção estratégica dos anos 1990, bem como os inúmeros e complexos impactos relacionados tanto com questões vinculadas ao ensino superior, em que o ensino a distância é um dos temas centrais, como também com as determinações do mercado de trabalho e seus desdobramentos atuais (BRAZ; RODRIGUES, 2013). O que refuta de uma vez por todas, um debate a partir de perspectivas consideradas endógenas à profissão, dando centralidade aos estudos próprios do fazer profissional ou do mercado de trabalho.

Assim, a reprodução das relações sociais é a reprodução da totalidade do processo social, a reprodução de determinado modo de vida que envolve o cotidiano da vida em sociedade: o modo de viver e de trabalhar, de forma

às novas necessidades do capitalismo e conformam, na visão de Jameson (2007), a lógica cultural desse momento histórico.

socialmente determinada, dos indivíduos em sociedade [...] Trata-se, portanto, de uma totalidade concreta em movimento, em processo de estruturação permanente. Entendida dessa maneira, “a reprodução das relações sociais atinge a totalidade da vida cotidiana, expressando-se tanto no trabalho, na família, no lazer, na escola, no poder, etc, como também na profissão” (IAMAMOTO, 2000, p. 72-73).

A necessidade social da profissão se expressa na sociedade capitalista, na medida em que a reprodução da força de trabalho, em todos os seus aspectos, dos mais objetivos, englobando também os aspectos de ordem subjetiva se colocam como uma necessidade do modo de produção. Segundo Iamamoto (2000), é importante que a profissão seja considerada sob dois ângulos diferenciados, não dissociáveis entre si, mas como duas expressões de um mesmo fenômeno: como realidade vivida e representada na e pela consciência dos seus agentes profissionais expressa pelo discurso teórico-ideológico sobre o exercício profissional; a atuação profissional como atividade socialmente determinada pelas circunstâncias sociais objetivas que conferem uma direção social à prática profissional, o que condiciona e mesmo ultrapassa a vontade e/ou consciência de seus agentes individuais. Segundo a autora, o exercício profissional se expressa em uma unidade contraditória, podendo apresentar, com isso, uma defasagem entre intenções expressas no discurso que ratifica esse fazer e o próprio exercício desse fazer, nesse sentido, é importante ratificar os esforços da categoria profissional para apreender o Serviço social inserido no processo social (IAMAMOTO, 2000).

A partir de tais considerações é importante salientar a título de conclusão três aspectos relevantes: 1) a problemática de apreensão das categorias marxianas pelos assistentes sociais e o retorno às perspectivas tecnicistas para responder as diferentes demandas impostas ao cotidiano do exercício profissional, não se tratando aqui do retorno ao velho conservadorismo, mas ao conservadorismo imposto pelas estratégias do grande capital à luta de classes; 2) o retorno à perspectiva da totalidade para combater a endogenia profissional em seus diferentes aspectos; 3) o distanciamento da produção intelectual e

acadêmica de aspectos relativos aos modos de vida das classes fundamentais e os rebatimentos para o fazer profissional.

É primordial compreender que o Serviço Social se insere na reprodução da vida social, e isso implica não somente a reprodução biológica, mas também ideológica que, sem dúvida, envolve a cultura e os modos de vida. Reafirmamos uma vez mais que, para o Serviço Social, conhecer esta dimensão é fundamental, já que se configura como dimensão importante para o desvelamento das diversas expressões da questão social, no âmbito da intervenção direta e na pesquisa da realidade, como também, para as produções teóricas da categoria.

Destacamos assim, a necessidade de implementação de projetos de intervenção e pesquisas que estejam estreitamente vinculados com as necessidades sociais em geral e em particular, que possibilite inclusive a construção de assessoria a políticas públicas, programas e projetos sociais capazes de responder as demandas locais, levando em consideração a cultura, e a forma de inserção e organização da classe trabalhadora na sociedade capitalista. Essa apreensão das diversas complexidades e singularidades potencializa a capacidade de protagonismo dos sujeitos sociais e, pode responder tanto às necessidades imediatas quanto fomentar núcleos de organização de setores populares.

O trabalho do Serviço Social em sua dimensão interventiva, não pode ser apartada da dimensão ideológica e do projeto ético e de criação de valores. No entanto, os limites da atuação profissional precisam ser reconhecidos e superados, no seio mesmo desse modo de produção, como estratégia de consolidação de novas formas de agir voltadas para a classe na qual fizemos uma aliança. Reconhecer os limites que nos impõem esse modo de produção, não significa tomá-los como intransponíveis, mas sim, dar um salto qualitativo na tentativa de construção de novas formas de atuar com estreitos vínculos ao projeto de classe que nos é tão caro.

O principal desafio em trabalhar cultura como categoria teórica e estreitamente vinculada ao modo de vida das classes, e assim, como

ferramenta essencial para o trabalho do assistente social, é sua compreensão dentro de um método que seja capaz de realizar a mediação necessária entre pensar estratégias e intervir na realidade concreta.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marina Maciel. **Serviço Social e a organização da Cultura: perfis pedagógicos da prática profissional**. 4. ed. SP: Cortez, 2011.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. SP: Boitempo Editorial, 2012.

COUTINHO, C. N. **O leitor de Gramsci, escritos escolhidos**. RJ: Civilização Brasileira, 2006.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere. V. 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Cadernos do Cárcere. V. 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Cadernos do cárcere, V. 4.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

GUERRA, I. **A instrumentalidade no trabalho do assistente social. Direitos Sociais e Competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HOBBSBAWM, Eric. **História do marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Volumes I à XII.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. **Relações sociais e serviço social no Brasil: Esboço de uma interpretação histórico – metodológica**. São Paulo: Cortez, 2000.

IAMAMOTO, Marilda. **O Serviço Social na cena contemporânea. Direitos Sociais e Competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

_____. A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo: Cortez, n. 120, Oct./Dec., 2014.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2007.

MARTINS, A. M. S. e NEVES, L.M.W. Cultura, educação, dominação: Gramsci, Thompson, Williams. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 55, p. 73-93, mar.2014 – ISSN: 1676-2584.

PONTES, R. N. **Mediação e Serviço Social**: um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo Serviço Social. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SETUBAL, Aglair Alencar. Desafios à pesquisa no Serviço Social: da formação acadêmica à prática profissional. **Rev. katálysis** [online]. Florianópolis. vol.10, n.spe, pp.64-72, 2007. ISSN 1982-0259. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802007000300007>

SIMIONATTO, I. Marxismo Gramscianos e Serviço Social: intervenções mais que necessárias. **Revista Em Pauta**, Rio de Janeiro, v.9, n.27, p.17-33, jul., 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Rafaela/Desktop/simionatto-%20gramsci-seso.pdf>

SILVA, J.F.S. Serviço Social e tendências teóricas atuais. **R. Katálysis** [online]. Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 67-76, jan./abr. 2017. ISSN: 1982-0259. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/1414-49802017.00100008/33816>

WILLIAMS, R. **Cultura**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

_____. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011a.